Jogos Píticos na Electra de Sófocles

Autor(es): Pereira, Susana

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/38370](http://hdl.handle.net/10316.2/38370)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0371-1_8](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0371-1_8)

Accessed : 26-Apr-2023 13:46:54

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FRANCISCO DE OLIVEIRA
Coordenação

O Espírito Olímpico no novo milénio

Coimbra • Imprensa da Universidade

JOGOS PÍTICOS NA ELECTRA DE SÓFOCLES

Susana Pereira
Universidade de Coimbra

"Irei a Delfos celebrar '), afirma Manuel Alegre num poema. Este seu propósito traz-nos à memória as habituais deslocações àquele local escarpado, na Grécia Antiga, para comemorar e também para consultar o deus da luz e dos oráculos, que ali tinha o seu templo.

Na tragédia grega, Delfos é repetidamente mencionada e/ ou descrita, quer pelo ascendente que tem no espírito grego, para o qual vida religiosa e civil estão intimamente ligadas, quer pela sua riqueza plástica, quer ainda pela sua paisagem especial. Ao santuário de Apoio, cenário de religião e crença, local de culto, dirigiam-se, na verdade, ilustres visitantes, aguardando os prestigiados oráculos do poderoso Lóxias, ou fazendo suplicas e oferendas ao deus: procuravam-no, nomeadamente, por questões morais ou políticas (cf. A., Ch., Eu.; S., OT, El.; E., Ion, Andr.). A riqueza arquitectónica do templo, por outro lado, é motivo de longa descrição (cf. E., Ion, 184 sqq., surpresa das servas de Creúsa ante a morada de Apoio). Também a surpreendente beleza da paisagem délfica, panorama de luminosidade, é causa de atracção e de espanto para os olhos, como se acentua no Ion de Eurípides (cf. v.82 sqq.) e revelam as palavras seguintes: "Através dos olhos de Ion, o nosso

103

* Quero deixar expresso o meu reconhecimento à Prof.³ Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva pelos prontos conselhos dados, com toda a disponibilidade. Uma palavra de agradecimento também à Dr^a Maria Isabel Lima Pereira pelas suas sugestões, sempre oportunas.

(¹) Manuel Alegre, "Louvor de Apoio", *Chegar Aqui*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984.

primeiro contacto com Delfos faz-se ao romper do dia, quando o sol inunda a natureza e o templo da divindade... (...). São, antes de mais, os cumes das Fedríades a recortarem-se no rubor do éter, e a inundarem-se de luz (...). Perdida entre escarpas, a água cristalina da fonte Castália prossegue o seu curso, em ondas de prata (...). O templo desperta nas primeiras volutas de fumo oloroso, que se eleva do fogo sagrado da Pítia que retoma o seu lugar profético (...). A mancha verde do loureiro engrinalda a mansão de Apoio, símbolo discreto da presença do deus (...). Rodeado de objectos preciosos, o templo envolve-se nos tons loiros do oiro (...). A vida anima-se com a chegada ruidosa das aves do Parnasso (...)”⁽²⁾. É notória no Ion a importância marcadamente pictórica de Delfos, local cujos elementos visuais e religiosos justificam, por si, tantas menções dos autores trágicos.

E ainda ao santuário de Apoio que Sófocles nos conduz na peça Electra, através de uma descrição feita pelo velho Pedagogo do filho de Agamémnon e Clitemnestra.

Relembremos, rapidamente, alguns dados do mito de Orestes. Menino ainda, fora enviado para o exílio, a fim de escapar às mãos da mãe e de Egisto⁽³⁾, que haviam tomado o governo da cidade de Micenas⁽⁴⁾. No jovem príncipe, chegado entretanto à idade viril, depositava Electra a esperança de punir a mãe, assassina de Agamémnon e traidora dos próprios filhos por razões que oscilam nas leituras diversas: por ambição de poder, por espírito de vingança do marido ou por causa da sua ligação com Egisto.

Alguns anos após a morte do Atrida, Orestes, confiante no oráculo de Lóxias ou submisso às suas ordens, regressa então à sua cidade para cumprir o dever de vingar o pai (cf. A, Ch., 269 sqq.; S., El., 32 sqq.; E., Or., 28 sqq. e E., 87 sqq.). No seu propósito, conta com vários aliados, além do deus: a velha Ama (cf. A, Ch., 734 sqq.), o Pedagogo (cf. S., El., I sqq.), um antigo criado (cf. E., EL, 664 sqq.), o fiel amigo de infância, Píladés (cf. A, Ch., 900 sqq.; S. EL, I sqq.; E., Or., 31-33 e EL, 880 sqq.), a própria irmã, Electra, que vê cumprir-se a sua expectativa de vingança

⁽²⁾ Maria de Fátima SOUSA e SILVA, “Elementos visuais e pictóricos em Eurípidés”, Humanitas 37-38, 9-86, p.30-31.

⁽³⁾ Cf. S., El., 8 sqq.; E., EL, 14 sqq.

⁽⁴⁾ Argos, segundo outras versões do mito (cf. A., Ch.; E., Or. e EL).

com a chegada tão ansiada de Orestes, a quem incita e se associa (cf. A, Ch., 235 sqq.; S., El., 1288 sqq.; E. Or., 31-33 e El., 276 sqq., 973 sqq.).

No tratamento diverso que os três grandes tragediógrafos gregos deram ao mito do filho de Agamémnon, o matricídio é acontecimento comum (cf. A., Ch.; S., El.; E., El. e Or.), embora sujeito a determinações e objectivos muito diversos.

Clitemnestra receara o regresso do filho, herdeiro legítimo do trono e vingador natural do pai. Uma noite, aterrorizada por um sonho funesto, decidiu enviar libações ao túmulo de Agamémnon, para se purificar (cf. A., Ch. 22 sqq. e S., E/., 405 sqq.). Na Electra, Sófocles põe em cena a própria filha de Tíndaro a fazer ofertas e preces a Apoio, com o desejo de se livrar do terror que sentia. Uma notícia enganadora, pensada pelo próprio Orestes e dada pelo seu Pedagogo, parecia responder aos seus anseios⁽⁵⁾: ' <\$ (S. E/., 673) - anúncio de morte falso, simples, angustiante e ... desejado!... Ouve-o Electra, desesperada; escuta-o Clitemnestra, esperançada!

O velho Pedagogo do filho de Agamémnon esmera-se, e a pedido da rainha mostra de forma brilhante o modo como Orestes, supostamente, deixara o mundo dos vivos (S., El., 680-763). A sua longa narrativa conduz-nos, pois, a Delfos. Aí se celebravam os Jogos Píticos em honra de Apoio, nos quais participava o filho de Agamémnon, também ele imbuído do espírito agónico que animava os Gregos em geral. Como é por demais sabido, o jovem príncipe estivera exilado na Fócida, região na qual se situava o santuário de Apoio: ali fora criado por seu tio, Estrófilo, pai de Pílates. Por outro lado, o próprio deus dos oráculos está intimamente associado ao mito de Orestes: é um aliado divino do filho de Agamémnon no seu dever natural de vingar o pai.

Ao templo de Lóxias dirigira-se o jovem Orestes, com o intuito de alcançar a suprema honra para qualquer participante: conquistar as coroas délficas (cf. v.681-682). As provas decorriam, pois, num espaço sacro, concedendo os deuses os seus próprios troféus ao vencedor -

105

⁽⁵⁾ «O engano na Electra é uma condição de êxito imposta pelo próprio deus.» (M. O. PULQUÉRIO, "Estudos sobre três tragédias de Sófocles: III - Tradição e inovação na Electra", Humanitas 19-20, 36-50, p.50). De facto, no prólogo da peça, Orestes afirma que, para vingar o seu pai, Agamémnon, Febo lhe dissera que se apresentasse sem exército, mas através da astúcia (cf. S., E/., 32 sqq.).

neste caso, a coroa de loureiro, árvore simbólica de Apoio -, o que torna claro que aquele que ganhava se encontrava sob a mira divina, sobretudo quem tudo ia vencendo, como o filho do Atrida; por outro lado, testemunha também o padrão religioso dos Jogos⁽⁶⁾.

Um sinal sonoro deu início à primeira prova, a corrida a pé⁽⁷⁾. Esta competição, aqui apresentada por Sófocles como a de abertura dos concursos⁽⁸⁾, era tradicional: fazia parte do programa das primeiras provas olímpicas, pelo que permaneceu, até à actualidade, como uma das mais importantes⁽⁹⁾. Neste passo, a competição não é descrita, mas apenas mencionada, dando-se em seguida relevo ao atleta Orestes, porque é ele que se pretende pôr em destaque. A sua entrada no estádio impressionou a multidão (cf. v.685). Realçava-lhe a imagem o brilho do corpo, certamente devido ao óleo derramado, segundo o costume, como medida de higiene, uma vez que os concorrentes participavam na corrida nus. O aspecto brilhante do jovem atleta é-nos sugerido pelo emprego do adjectivo *μυρτ* (v.685). A visão esplendorosa que a assistência tem do herói prenuncia logo a sua vitória: de facto, ele abandona a liça honrosamente coroado com o troféu de Apoio.

Seguem-se outros concursos desportivos, não mencionados de modo individual, mas colectivamente referidos - de novo, pretende destacar-se o atleta e as suas vitórias, e não cada uma das diversas provas que convencionalmente faziam parte do programa dos Jogos.

Os triunfos do jovem príncipe sucediam-se e, no final de cada prova, supervisionada por juizes, a proclamação era sempre a mesma: Orestes, o argivo, filho de Agamémnon, fora o vencedor. A indicação do nome do

(6) Note-se que os elementos que apontam no sentido divino estão em perfeita consonância com a profunda marca religiosa comum numa tragédia.

(7) Sófocles não nos indica a distância que os atletas tinham de percorrer, pelo que não sabemos se se tratava da corrida de estádio (200 m), do "diaulos" (400 m) ou do "dolichos" (2400 m).

(8) A corrida de carros de cavalos, a prova para homens mais espectacular do festival, é a que, segundo algumas opiniões, aparece a abrir os Jogos (cf. DREES, L, *Olympia*, London (trad. inglesa), 1968, p.67 e FINLEY, J. I. e PLEKET, H. W., *The Olympic games: the first thousand years*, London, 1976, p.27 sqq.).

(9) Lembremos que as competições desportivas dos Jogos Olímpicos serviam de modelo aos restantes festivais pan-helénicos.

atleta que ganhava, da sua origem e do nome do seu pai era habitual, depois de cada competição.

Após tantos triunfos, porém, chega a prova final para o herói: agora, ele não vence, é antes vítima. É que aos desígnios da divindade não pode o homem escapar, como afirma o velho Pedagogo de Orestes, que põe assim em relevo, uma vez mais, a presença do elemento religioso na vida humana. Em seguida, descreve a corrida de carros de cavalos e, em particular, o trágico final do filho de Agamémnon. Aquela prova equestre, convencionalmente disputada num dia diferente do das competições pedestres, era uma prova de cariz aristocrático: para se participar, era preciso ter dinheiro que cobrisse as avultadas despesas inerentes, nomeadamente, à compra de carros e de cavalos. É a única competição efectivamente descrita no passo sofoclíano: lembremos que ela constituía um dos momentos fundamentais dos Jogos - pictoricamente muito atraente, era o concurso mais espectacular. E com ela que têm início, na *Ilíada*, XXIII, 262 sqq., os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, um dos testemunhos literários mais antigos que temos de concursos atléticos. Em Sófocles, como em Homero, é-nos apresentado um catálogo dos concorrentes à prova, ainda que os elementos valorizados sejam diferentes. De facto, se o poeta épico refere o nome dos cinco nobres concorrentes e, em geral, o dos seus pais, normalmente também com uma menção mais ou menos longa aos cavalos que cada um conduzia, já o tragediógrafo valoriza a origem dos dez atletas participantes, não nomeados, com excepção, claro, de Orestes, personagem a destacar. Assim, se Homero sublinha o valor dos concorrentes, Sófocles, por seu turno, remete para um dos aspectos que, no seu tempo, traduzia o espírito dos Jogos: o pan-helenismo. De facto, se atentarmos nos diversos locais enumerados (cf. v.701 sqq.) verificaremos que, embora oriundos de várias regiões, todos os atletas eram gregos, uma vez que a participação em qualquer um dos jogos pan-helénicos se destinava apenas aos filhos da Hélade.

107

A prova é descrita de modo diferente pelos dois autores: uma vez mais, em Sófocles está em causa o atleta e não a competição em si, como em Homero. Com efeito, se para este autor a tónica se encontra no esforço desportivo que o concurso implica (cf. disputa entre os vários atletas e respectivos cavalos), ao tragediógrafo interessa,

sobretudo, a participação do jovem Orestes no concurso e, em particular, o seu acidente fatal. Há, no entanto, alguns elementos comuns a ambos os passos, decerto convencionais na descrição dos jogos, como a tiragem à sorte para a atribuição de lugares aos concorrentes, a presença de alguém a supervisionar a corrida, o incitamento dos cavalos com vozes e chicotes, o levantamento de poeira, após a partida dos carros, a referência ao desejo que cada um tinha de ultrapassar os adversários. A descrição de Sófocles pouco acrescenta a estes elementos: refere que os atletas só partem depois de ouvir o sinal dado pela trombeta de bronze, e que o som dos seus carros enchia o estádio. Destaca, em seguida, o trágico acidente do filho de Agamémnon e a sua morte, concedendo a este acontecimento um número de versos semelhante ao que utilizara para se referir às competições delficas, o que é revelador do seu propósito: tornar convincente a morte falsa de Orestes. Para o efeito pretendido, contribui, sem dúvida, o manifesto conhecimento de aspectos técnicos da corrida de carros de cavalos, presente, nomeadamente, na menção do facto de o jovem príncipe, porque ocupava a vantajosa pista extrema, dever dar sempre rédeas à direita, como fizera até então (cf. v.74l sqq.)⁽⁹⁾. Também a linguagem técnica da prova equestre empregue pelo velho Pedagogo é própria de um conhecedor do concurso, capaz de transmitir o que, supostamente, observara. Assim, encontramos vários termos/ expressões referentes aos cavalos ($\mu\tau\alpha$, $\mu\epsilon\lambda\alpha$), aos condutores ($\mu\epsilon\tau\alpha$), aos carros ($\mu\epsilon\tau\alpha$), bem como a outros importantes elementos da competição ($\mu\epsilon\tau\alpha$, $\mu\epsilon\tau\alpha$).

108 relato do Pedagogo de Orestes mostra-nos o que acontecera no início da sétima volta; até aí, todos os carros haviam permanecido intactos. Foi então que os cavalos do auriga da Enia, desobedientes ao freio, foram contra o carro líbio. O choque em cadeia foi inevitável e os destroços encheram a planície de Crisa. O filho de Agamémnon seguia em último lugar, guardando esforços para o final da competição. Ao ver

⁽⁹⁾ Orestes ocupava a pista interior, pelo que tinha a vantagem de ter uma distância menor para correr. Porém, entusiasma-se demasiadamente com a corrida, esquecendo o que deveria fazer até ao final.

que lhe restava apenas passar um concorrente, o de Atenas, incitou os seus fogosos cavalos da Tessália. Cada um dos competidores tentava então ultrapassar o rival. Orestes, que tinha feito todas as outras voltas sem dificuldade, dando rédeas à direita, faz agora o contrário. Dá-se o fatídico acidente. A roda do carro embate contra a baliza, parte-se, Orestes cai, embaraçado nas rédeas, e é arrastado pelo chão até à morte.

Nesta descrição, vivem-se os momentos de perigo (cf. v.741 sqq.), assiste-se à queda terrível do jovem atleta argivo (cf. v.745 sqq.), que suscita o grito de lamento da multidão (cf. v.749-750). A sua desgraça atingira em grandeza os feitos anteriores. Coberto de sangue, sem vida, o herói filho de Agamémnon é depois reduzido a cinzas...

Na última prova em que participa, Orestes é, pois, vítima, no próprio santuário de Apoio, o deus que o aconselhara a vingar o pai através do dolo e em cujo recinto sagrado o jovem encontra a solução!

A descrição do velho Pedagogo é dinâmica, rica em diferentes sensações sugeridas pelo vocabulário: cinéticas (μ , μ , μ / μ ...), auditivas (μ ? , μ ? μ , μ ? / μ , μ , μ ' ...), visuais (μ ? , μ ' ? / ...). A linguagem é também expressiva de várias emoções (μ ? , μ , μ ? , μ). Através das palavras empregues, o espectador quase consegue, pois, ouvir os ruídos dos carros, ou o alarido da multidão; é ainda capaz de ver os atletas em movimento.

Fora realmente convincente a narrativa do homem que afirmava ter visto com os seus próprios olhos o espectáculo de que dava conta (cf. v.761-763). Clitemnestra fica tranquila, livre de ameaças; Electra, por seu lado, revela-se desesperada, ao ver-se abandonada, só.

No entanto, Orestes continua vivo, e em breve aparecerá à irmã, para sua alegria, disposto a matar Clitemnestra e Egisto.

109

Nesta peça, apesar do recurso a elementos decerto convencionais na descrição das provas desportivas (cf. supra), Sófocles dá mostras de originalidade ao aproveitar o conhecido e bastante versado mito de Orestes para tratar o tema dos Jogos: entre as criações trágicas conservadas, a Electra é a única em que isso se verifica.